

# Entrevista



Divulgación

# Em nome da arte

A paixão pelos museus levou Marcelo Mattos Araújo ao cargo mais alto de uma das maiores instituições de arte do país

Por Laura Folgueira Fotos: Divulgação

Marcelo Mattos Araújo passa todos os dias na presença de grandes artistas. Ele é diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo, um dos museus mais importantes da cidade, com acervo de 2 mil obras. Mesmo quando não está andando pelos corredores das exposições em cartaz - em outubro de 2009, havia três mostras -, ele pode apreciar as obras que ficam escondidinhas dentro do escritório de pé-direito altíssimo (o prédio é do final do século XIX), onde trabalham cerca de 20 pessoas. Talvez a atmosfera histórica, em nada parecida com um escritório, ajude a deixar a sala de Marcelo com cara de uma sala de estar.

Foi lá que ele nos recebeu para esta entrevista, na qual relembra os sete anos em que estudou no Dante (entre 1967 e 1973), tempo em que começou a se interessar por arte. Quando saiu do Colégio, foi estudar Direito, antes de perceber que seu amor por museus poderia tornar-se profissão - então, fez um curso de especialização em Museologia na Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e tornou-se museólogo. Em 2002, doutorou-se em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Do Dante, guardou mais do que lembranças: muitos de seus grandes amigos são pessoas que ele conheceu lá, como o médico Marcelo Cecaf, presidente da Associação dos Amigos da Pinacoteca.

Depois de 25 anos de carreira, e aos 53 de idade, ele se preocupa com a formação de um novo público de arte. "É preciso entender qual o papel dos museus hoje na construção da cidadania e na alfabetização visual do público", diz. É esse seu trabalho diário.

**O que o senhor se lembra dos tempos de colégio?**

Antes do Dante, fiz o primário em uma escola pequena que não existe mais. Quando eu passei para o Dante, minha primeira impressão era a de estar em uma escola imensa. Além disso, o ginásio [*hoje Ensino Fundamental II*] era separado: masculino de manhã e feminino à tarde; e essa escola em que eu estudava antes era mista. Foi um impacto. Já no clássico [*atual Ensino Médio*] existiam só três turmas, e era misto, então de novo era uma coisa mais próxima. Nessa época, ali na frente, onde tem o estacionamento [*o pátio dos ônibus*], ainda havia uma casa, e toda aquela parte da garagem não existia. Então tinha ainda uma parte do Colégio que era quase como se fosse uma espécie de sítio. Nessa casa tinha um muro de tijolinhos, e a gente ia pegar ovos de lagartixa nele. Tenho lembranças de

personagens que naquela época eram tradicionais, como os professores famosos; eu tinha aula [*de Música*] com o maestro Callia no ginásio, depois, de História com a Ofélia no clássico, e de Português com o Soderó.

**Era bom aluno?**

Sempre fui. Todo ano havia uma colocação dos melhores alunos por bimestre, e no fim do ano tinha uma medalha, que os três melhores de cada classe ganhavam. Até hoje tenho as medalhas, duas medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. No ginásio inteiro tive uma nota vermelha em Matemática, o que para mim foi um desespero. Foi uma vergonha enorme, meu pai era super-rígido com notas. Na época passei horas estudando, e consegui recuperar. Eu tinha muito orgulho de sempre passar direto, não precisar fazer exame. Mas era um desafio grande, porque o Dante sempre foi

uma escola exigente, que pedia uma dedicação muito grande.

**Como a formação do Dante ajudou na sua carreira?**

Foi uma formação muito boa. Lembro que naquela época estudávamos três línguas: inglês, francês e italiano. A gente estudava filosofia, literatura... Como minha formação foi voltada para essa área, a carga humanista grande foi fundamental na minha vida, tanto no sentido de facilitar meu ingresso na faculdade quanto no de me dar uma formação que até hoje é importante do ponto de vista profissional.

**O senhor se formou em Direito, e depois foi fazer Museologia. Como foi essa passagem? Chegou a trabalhar como advogado?**

Sim, eu me formei, me inscrevi na Ordem *[dos Advogados do Brasil]*, trabalhei por alguns anos. Na verdade, fui fazer Direito porque minha primeira vontade era fazer diplomacia. Fiquei pensando um pouco, viajei por um ano, e depois decidi que queria trabalhar com museus, porque eu tinha sempre gostado muito e daí fui fazer Museologia. Fiz a especialização e depois doutorado. E comecei quase imediatamente a trabalhar, primeiro no Museu Lasar Segall, onde fiquei por vinte anos, e depois aqui na Pinacoteca, onde estou desde 2002.

**De onde veio esse gosto por museus e arte?**

Na minha família não tem ninguém que tenha uma atuação artística. Acho que foi uma definição minha. Lembro que na época do Dante eu ia muito ao Masp; era só atravessar o parque. Desde aquela época eu já gostava muito de museus e de artes visuais. Adorava história da arte. Eu também tive aula de Arte, mas nunca tive o menor dom em termos de criação artística. A aula de desenho para mim era uma tortura, principalmente quando era desenho livre. Eu me lembro de que, no segundo ano do clássico, na primeira prova eu fiz um desenho, em que consegui uma composição, e na segunda prova acabei fazendo o mesmo desenho, e a professora me deu a maior bronca. Os museus foram uma possibilidade de trabalhar com arte.

**Como foi sua trajetória no Lasar Segall, nos vinte anos em que passou de estagiário a diretor?**

Foi muito importante para mim, o espaço da minha formação. É uma instituição de qualidade, consolidada, por isso foi um grande privilégio. Lá convivi com pessoas que foram fundamentais, como o Maurício Segall, fundador, que era o diretor do museu. É uma instituição pela qual eu tenho um carinho especial.

**Como o senhor acha que é a relação dos jovens e crianças hoje em dia com a arte e o espaço dos museus?**

Acho que melhorou muito. Quando eu estudei, mesmo no Dante, que era uma escola que tinha essa preocupação, nós não visitávamos museus. Eu me lembro dessas idas ao Masp por uma iniciativa minha. Nós tínhamos aulas de história da arte, mas não havia esse hábito de visitar os museus. Hoje essa é uma prática totalmente difundida. Eu diria que todas as escolas de São Paulo, da rede pública e da rede privada, em maior ou menor grau, adotam esse tipo de atividade. Isso é importante como incentivo para os jovens descobrirem o museu e criarem essa relação, que é instigante e pode ter também um papel muito importante no processo educativo. É uma prática consolidada e os museus, hoje, têm uma estrutura técnica e se voltam muito para parcerias com escolas.

**Na Pinacoteca isso é uma prática muito difundida, não é?**

Muito. Criar essa relação é um foco enorme da política atual da Pinacoteca, uma parte bastante considerável dos nossos investimentos, tanto em recursos humanos como em projetos voltados pra essa área educativa. Temos vários programas que focam a rede escolar e outros, públicos específicos, como portadores de necessidades especiais. Buscamos mesmo criar essas relações, e no universo escolar isso é fundamental também com os professores, que são os grandes interlocutores entre o museu e os estudantes. Temos materiais desenvolvidos para auxiliar os professores em sala de aula, materiais para o aluno, visitas monitoradas, cursos pra professores...

**Já chegou a acompanhar alguma visita das escolas?**

Muitas vezes, tanto no Lasar Segall quanto aqui na Pinacoteca. Para mim, como diretor, é importante. Não é muito frequente, infelizmente, mas de tempos em tempos, quando é possível, eu vou; mantenho uma discussão, essa sim permanente, com toda a nossa equipe educativa, que é altamente qualificada, para saber dos desafios e necessidades.

**E nessas visitas, o que você nota nos alunos?**

Uma ansiedade, uma vontade muito grande. É uma característica desse período da vida, essa expectativa de conhecer. Muitas vezes os alunos já têm, felizmente, uma informação dada pela escola a respeito do museu e do que eles vão encontrar aqui.

**O senhor foi professor da USP. Como seu trabalho como diretor e como professor se complementam?**

Tive a oportunidade de atuar como professor do curso de especialização em Museologia que foi oferecido pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP durante muitos anos, e era uma atividade essencialmente complementar ao meu trabalho na direção da Pinacoteca. Era um momento que me permitia uma sistematização do pensamento museológico e uma reflexão. Para mim

sempre foi muito importante apresentar para os alunos do curso visões de museologia, os processos de trabalho, a maneira como a museologia enxerga a realidade, como ela opera e desenvolve suas estratégias; e aprender, conversar, debater com eles, isso também é um aprendizado. Foi uma atividade muito estimulante por causa da confluência entre a minha atuação profissional e o objeto da aula.

**E foi um movimento natural entrar na academia, se tornar professor, fazer doutorado, dar aulas?**

Foi, porque a formação em Museologia parte, como em muitas áreas, de uma formulação teórica que busca uma aplicação na realidade, e justamente a partir da validação dessa aplicação encontra uma retroalimentação para um aprimoramento teórico. A busca por uma reflexão teórica, uma formulação conceitual no trabalho prático é fundamental para o aprimoramento do trabalho. Minha formação acadêmica foi muito importante. Ela é fundamental nessa área, e aí a questão da docência veio nessa sequência. Infelizmente hoje tenho muito pouco tempo disponível para a aula, mas acho extremamente estimulante, uma relação muito rica e produtiva.

**Quais são os desafios, na sua opinião, dos**



*O artista francês Celeste Boursier-Mougenot e o curador-chefe da Pinacoteca, Ivo Mesquita, no prédio do museu*

### **museus de arte brasileiros?**

O grande desafio para os museus é pensar qual o papel social que eles cumprem, podem cumprir e devem cumprir. É aí justamente que entra a parceria com a escola, para entender esse papel e ver quais são os melhores caminhos para que um museu possa ajudar no aprimoramento da nossa sociedade, da nossa cultura, das relações nas cidades. Acho que o museu tem que ter um papel efetivo no cotidiano das cidades onde eles estão localizados. Isso se consegue por meio de análise, avaliação e tentativa de entendimento. No caso dos museus de arte, a grande questão é a educação visual, contribuir para que as pessoas possam estabelecer uma relação de fruição da obra de arte, e que essa fruição contribua para a educação visual, a alfabetização visual. Da mesma maneira como você é alfabetizado para uma língua, existe também um processo de aprendizado para a leitura visual. E essa alfabetização visual infelizmente não é ensinada na escola, é adquirida ao longo de um processo de convivência social. Mas, às vezes, é importante que ela seja sistematizada, até para que as pessoas possam entender que ela se estrutura a partir de signos socialmente construídos, e que isso é muito importante. Nossa sociedade atual está calcada fundamentalmente em linguagens visuais; o cinema, a televisão, a publicidade desempenham papéis-chaves, e trabalham fundamentalmente com códigos visuais. Então, as pessoas podem entender como operam esses códigos, adquirir consciência desses mecanismos e socialmente ter um exercício de cidadania mais consciente.

### **E os museus têm também um papel na memória...**

Claro, é a questão de patrimônio, de preservação. Esse é um objetivo que os museus, independentemente da sua natureza - pode ser de arte, de história ou científico -, têm em comum: trabalhar o patrimônio preservado como um instrumento de formação da cidadania.

### **Como vocês decidem aqui quais exposições vão entrar em cartaz?**

Isso é feito primeiro a partir de um trabalho da equipe técnica de curadores da

Pinacoteca, de pesquisa e definição de linhas. Eles fazem propostas, que são encaminhadas para o conselho de orientação artística - dentro de linhas programáticas que já estão pre definidas - e aí há uma primeira aprovação do conselho. Essa proposta é encaminhada para a Secretaria Estadual da Cultura, para uma aprovação final, e a partir disso vai para sua implementação.

### **E como é a parceria com outros museus?**

É uma coisa que a gente busca cada vez mais. Um requisito muito importante para o sucesso de um trabalho museológico é a busca de parcerias institucionais. Grande parte dos nossos projetos se desenvolve justamente a partir dessas parcerias, ou com outros museus do Brasil e de São Paulo, ou com museus estrangeiros. Nós recebemos muitas exposições que vêm do exterior, e quase a totalidade delas é feita em parceria com as instituições de outros países.

### **A Pinacoteca também faz parcerias para enviar seu acervo?**

Também. Nós emprestamos muitas obras para exposições de outros museus de São Paulo e de outros países. Muitas vezes nós montamos exposições com o nosso acervo que também são apresentadas em outras cidades. Hoje em dia existe uma dinâmica de intercâmbio muito grande.

### **Você acha que o circuito de museus ainda é restrito? Como a arte pode chegar a mais lugares?**

Esse é um dos grandes desafios dos museus: ampliar e, mais do que isso, diversificar o público. Procurar aquelas parcelas da sociedade que, por questões culturais e econômicas, acabam ficando distantes dessas instituições. Hoje em dia cada instituição tem suas estratégias para atingir esse público diversificado. É uma conquista permanente e, claro, é um processo cultural que demanda tempo, mas é uma consciência que os museus já têm.

### **Ter sempre um dia de entrada gratuita no museu faz parte dessa estratégia?**

Sem dúvida. Os museus que cobram ingresso têm tradicionalmente pelo menos um dia gratuito. No nosso caso, é aos sábados, para justamente permitir que a

grande parcela da população, que é a parcela assalariada, que trabalha durante a semana, possa ter um dia do fim de semana gratuito, em horário mais favorável, para vir ao museu.

**E geograficamente? Como expandir o acesso além de um circuito Rio-São Paulo?** Existem grandes instituições museológicas fora do eixo Rio-São Paulo e uma concentração numérica de museus nessas duas cidades, o que é compreensível, por razões históricas. Mas há grandes instituições fora, como o novo Museu Iberê Camargo, em Porto Alegre, o Centro Cultural Inhotim, perto de Belo Horizonte... as duas são referências internacionais em termos de qualidade e atividades. Hoje em dia existe uma estrutura nacional muito rica, diversificada e consciente, e esse eixo que, durante certo tempo, marcou a realidade cultural brasileira está, na perspectiva dos museus, totalmente superado.

**Como é sua rotina como diretor da Pinacoteca?**

Acho que uma das grandes atrações do trabalho museológico é que não existe rotina. Quando penso em um dia de trabalho, imagino: 'bom, amanhã vou me

programar pra fazer tais atividades'. Quando chega o dia, tem sempre alguma inversão de pauta, alguma coisa nova... Por um lado isso é muito interessante, e por outro dificulta a organização do trabalho. Mas é muito rico. Minha rotina é formada por uma sucessão de inovações e imprevistos. Toda instituição que trabalha com o público tem essa dimensão altamente estimulante, de demanda do público visitante ou dos parceiros.

**O senhor é diretor de um dos maiores e mais bem-sucedidos museus do Brasil. Quais são seus próximos desafios profissionais?**

Meu próximo desafio profissional é aqui na Pinacoteca: consolidar e aprimorar o museu. Estamos num momento extremamente privilegiado, que não é resultado da minha atuação individual, mas de décadas de investimento do governo e da dedicação de diretores e funcionários que passaram por aqui. Sem dúvida é uma situação privilegiada em termos de visibilidade pública, realizações, implementação de projetos. Mas ainda resta muito, temos muitas ideias, muitos projetos e desafios. E meu grande desafio profissional, pelo menos para os próximos anos, é contribuir com esse aprimoramento.



*Marcelo com Roberto Brandão, presidente do Icom-Brasil (Conselho Internacional de Museus)*